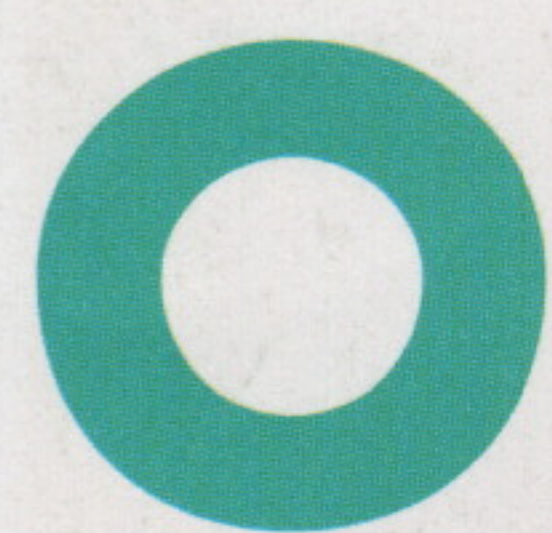


e-Business e o neo-associativismo

Por Cid Torquato



Os negócios eletrônicos, no Brasil, vão muito bem, obrigado, dobrando o volume total da economia digital a cada ano. O varejo on-line se aproxima da marca de um bilhão de dólares ao ano, com o crescimento da venda de automóveis, aparelhos eletroeletrônicos

e dos mais variados produtos e serviços. As transações eletrônicas entre empresas se intensificam, por meio da simples troca de e-mails até o emprego de sofisticados marketplaces que praticamente eliminam a intervenção humana, criando um mercado B2B que estimamos em mais de dez bilhões de dólares em 2002. O crescimento exponencial dos últimos anos faz com que o volume de negócios dos serviços digitais e virtuais, como acesso, aplicações, software, publicidade e conteúdo, ultrapasse, hoje, a marca de um bilhão de dólares. A net economy brasileira fica ainda mais pujante se considerarmos o montante transacionado por sistemas de atendimento eletrônico e e-banking, já responsáveis por quase 60% das transações bancárias no País.

No plano estatal, os programas e-Gov, com a implementação de novos sistemas e a operação dos serviços de governança eletrônica e de licitações on-line, serão os grandes indutores da indústria de TI no Brasil (e no mundo) nos próximos anos, devendo movimentar, nos níveis federal, estadual e municipal, cerca de seis bilhões de dólares este ano e cerca de 80 bilhões de dólares em investimentos públicos e privados nesta década.

Porém, embora os negócios eletrônicos venham crescendo no Brasil, esse crescimento é ainda insuficiente para garantir o ritmo de desenvolvimento e modernização interno que assegure à nossa economia participação compatível

entre os principais players do palco internacional.

Muito disso se deve, claro, a fatores infra-estruturais, pautados por uma vergonhosa distribuição de renda. Mas, acredito, a base do problema é cultural, graças à perpetuação de um modelo de desenvolvimento socioeconômico e cultural elitista e pseudopaternalista, que privilegia a concentração de riqueza nos setores mais tradicionais da economia.

Para a indústria de TI esse cenário é fatal, já que seu progresso depende claramente do crescimento do mercado, por meio da democratização do acesso à economia digital ao pequeno e médio empresários e do aumento das bases instaladas de linhas telefônicas, computadores, plataformas de e-business e, como consequência, de tecnologias de ponta em wireless e banda larga. Para mudar esse cenário, o empresário brasileiro de vanguarda deve se conscientizar e assumir sua responsabilidade político-empresarial. O caminho é o apoio à consolidação de entidades representativas e fortes, que funcionem como inteligência setorial na formulação de políticas públicas e regulatórias que incentivem o uso aplicado das Tecnologias da Informação como ferramental de desenvolvimento e modernização das relações econômicas em todos os níveis.


No universo dos negócios eletrônicos é o empresariado, organizado, quem deve ditar as regras do jogo. Não é tarefa fácil, mas precisa ser cumprida. Do contrário, só resta assistir a evolução dos fatos pela Internet... 



Foto: Eduardo de Sousa

Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico

www.camara-e.net